

## MEMÓRIAS DE ARTÍFICES CUJOS OFÍCIOS BEIRAM A EXTINÇÃO

**SCHEER, Micaele Irene<sup>1</sup>; ROCHA, Lóren Nunes da<sup>2</sup>; GILL, Lorena Almeida<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da UFPel. Bolsista de FAPERGS. Email: [scheermica@gmail.com](mailto:scheermica@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da UFPel. Bolsista CNPq. Email: [lorenrocha@hotmail.com](mailto:lorenrocha@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora Pós-Doutora do Departamento de História da UFPel. Orientadora e coordenadora do projeto. Email: [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

### 1 INTRODUÇÃO

Com maestria o artífice se dedica a uma arte, sua prática não pode ser resumida em instrumentalismo, é antes uma aptidão aperfeiçoada pelo engajamento. A busca pela qualidade em primeiro plano é que diferencia o artífice do trabalhador moderno (SANNET, 2009). Com o advento da indústria moderna e das novas tecnologias, além de alterações jurídicas nas relações entre empregado e empregador, gradualmente certos ofícios se tornaram obsoletos, beirando a extinção.

Entende-se que a memória destes trabalhadores deve ser preservada, pois é construída por um vasto manancial de vivências, que faz com que se compreenda de uma melhor forma as alterações nos mundos do trabalho observadas nas últimas décadas. São as experiências laborais destes trabalhadores, entendidas em seu contexto, que o projeto “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”<sup>1</sup> vêm preservando desde 2009.

Grande parte destes trabalhadores encontra-se retirada do mercado de trabalho, pelos motivos do esgotamento de suas forças de trabalho, com o declínio natural da idade e também pelo avassalador efeito das novas tecnologias. Outros se mantêm no mercado, em pequenos ateliês, normalmente sem nenhum funcionário.

Autores como Aued (1999), Trindade (2010), Nosella (2010), Marx (2008), Debort (1997) e Hobsbawm (2008) dão aporte teórico para compreender quais são as alterações no mundo do trabalhador que atingem os artífices que estão em vias de desaparecer. A leitura mais trabalhada até o momento compreende a metodologia, onde se destacam obras de Alberti (2005), Freitas (2006), Portelli (1997) e Le Goff (1996).

As entrevistas são realizadas na região sul do Rio Grande do Sul, inclusive em áreas fronteiriças. Até o momento foram entrevistados oito narradores, entre eles: três alfaiates, um relojoeiro, uma parteira, uma lavadeira, uma chapeleira e peleteira e um couteleiro, momento em que se emprega a metodologia de história oral temática, ou seja, são questionados sobre sua trajetória profissional. As transcrições e áudios compõem o acervo do Laboratório de História Oral do NDH-UFPel.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A história oral é a principal metodologia de pesquisa e de constituição de fontes do qual o projeto se utiliza. Essa metodologia possibilita averiguar não só uma

---

<sup>1</sup> Projeto desenvolvido junto ao Núcleo de Documentação Histórica da UFPel.

visão do passado, mas também uma interpretação contemporânea deste passado, resultado das vivências e conhecimentos pessoais do entrevistado.

No projeto adota-se o que se convencionou chamar de história oral temática, ou seja, foram construídas narrativas com trabalhadores, tendo como foco de análise o ofício que praticaram durante toda a vida ou em boa parte dela.

Após leitura e discussão bibliográfica tanto sobre o contexto histórico, quanto em relação à metodologia, organiza-se um roteiro de entrevista. Este roteiro não é algo rígido, sendo suscetível a alterações durante a conversa estabelecida com o narrador. O roteiro conta com questões de cunho pessoal, como nome, idade, religião, profissão, e alguns dados familiares, entre outros questionamentos; e no segundo momento questões relacionadas à trajetória profissional.

Com estes, normalmente se faz um primeiro contato, explicitando quais são as motivações para a realização da conversa. Alguns relutam inicialmente, questionando sobre qual seria a importância de seu relato, entretanto, até o momento não houve nenhuma negação em participar. Posteriormente à entrevista, é feita a transcrição, estando o texto pronto entra-se em contato com o entrevistado e a entrevista passa por sua análise; se o mesmo estiver de acordo é pedida a carta de cessão autorizando a utilização do texto na pesquisa, assim como a divulgação de seu nome. A próxima etapa é a análise da fonte, tendo como pano de fundo a problemática da pesquisa e seu contexto histórico.

Em segundo plano, são analisados os processos da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas, que estão sob a guarda do Núcleo de Documentação Histórica de Pelotas. O acervo compreende os dissídios de 1940 a 1990. Até o momento foi feita a leitura e a organização dos dados em tabelas quantitativas, além de uma análise qualitativa, até o ano 1947.

A investigação desses processos possibilita a problematização das relações que os trabalhadores mantinham com as políticas trabalhistas. Com os documentos apensos e as narrativas descritas nos autos torna-se possível a percepção do modo como a reclamação jurídica refletiu as insatisfações materiais ou ideais nas relações de trabalho e vestígios do cotidiano desses trabalhadores. Dentre os ofícios extintos ou em vias de desaparecer que constam nos processos (1940-1947) estão: motorneiros, caixeiro viajante, lavadeira, alfaiates, *chauffeurs*, bordadeira, turmeiro de linha, ladrilheiro.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As narrativas possuem vários pontos de encontro, sobretudo ao vincularem percepções do presente com um tempo passado. De forma nostálgica, os entrevistados recuperam no campo da memória, uma época considerada gloriosa que se findou. Relacionam aqueles anos de sua atividade ao apogeu de suas profissões. Igualmente, os entrevistados não dissociam a trajetória laboral da vida social e familiar. Compreender o meio social, costumes e mentalidade da sociedade durante as décadas de 40 e 50, assim como as mudanças graduais e contínuas que eram já percebidas, são fundamentais para entender os motivos que fizeram os ofícios dos entrevistados, passarem de essenciais a obsoletos.

Prática comum junto aos ofícios manuais era a manutenção de jovens aprendizes. Ainda menores de idade, os jovens eram inseridos nas oficinas, cumprindo pequenos afazeres. A finalidade era possibilitar o aprendizado de um ofício. Os salários recebidos pelos aprendizes eram baixíssimos, entendendo-se que o retorno maior seria o de aprender uma profissão. Porém, com o advento das leis

trabalhistas, o trabalho do menor foi regulamentado, passando a ser obrigado a ser registrado e ter o pagamento de, ao menos, a metade do salário mínimo. Manter o aprendiz passou a não ser rentável às oficinas.

As tecnologias da indústria moderna refletem o aumento de produção de bens. As indústrias passam a abrigar assalariados, que necessitam despende somente de sua força motriz. Vão se perdendo a necessidade de trabalhadores manuais com especialidades e a maior parte das oficinas fecha as portas devido a pouca procura de seus produtos pelos consumidores.

As profissões são passivas de alterações, pois expressam os desejos e necessidades de uma sociedade. As regras sociais entre empregador e empregado, as tecnologias, os padrões de consumo; enfim as pessoas passam por mudanças. No entanto, as inovações, muitas vezes, não são facilmente aceitas, devendo vencer os costumes, que representam estabilidade e segurança. Não é através de um processo de sucessão que o novo aparece, porém, através de um longo período de rupturas e continuidades (AUED, 1999).

Alguns tentaram acompanhar o desenvolvimento tecnológico, mas de forma sistemática pareceu algo possível somente a poucos e grandes industriários. Aos artesãos houve a gradual perda de trabalhos e serviços. Quem os procura são clientes, os quais não alteraram por completo seus hábitos de consumo. Quando questionados sobre a queda da clientela, os profissionais entrevistados relatam os baixos preços dos bens produzidos pela produção em massa.

#### **4 CONCLUSÃO**

Primordialmente, entende-se como ofício o “fazer com as mãos” e as oficinas são caracterizadas como espaços onde convivem artistas, mestres e aprendizes. O ato de aprender com a prática, através da relação entre mestre-aprendiz é fundamental. Atualmente o vínculo do trabalhador com o produto por ele produzido, ou pelo serviço por ele prestado praticamente não é mais conservado, pois depende mais das máquinas do que das mãos.

No mundo contemporâneo os bens se tornaram descartáveis, sendo substituídos de forma rápida, diminuindo a procura por consertos, como os efetuados por relojoeiros, couteiros e arrumadores de guarda-chuvas. A produção em massa e rápida, com o aporte de maquinário moderno despence um duro golpe ao trabalho manual, que perde espaço defronte aos baixos preços dos produtos industrializados. Os padrões de consumo também se alteraram. Os produtos acrescidos de valor simbólico de *status* agora se direcionam às grandes marcas globais, para citar o exemplo do mercado vestuário, palco pouco propício às modistas, chapeleiras, peleteiras, alfaiates, entre outros ofícios.

Os entrevistados revelam as distintas estratégias que lançaram mão perante as mudanças que vivenciaram ao longo de suas trajetórias profissionais como: no âmbito das regras sociais e legislativas entre empregador e empregado, das tecnologias, dos padrões de consumo, enfim, mudanças sociais, culturais e econômicas geradas pelo advento da indústria capitalista.

Acredita-se que há ofícios que vêm na atual geração o último vestígio de sua existência prática. O projeto em desenvolvimento tem a intenção de preservar alguns registros destas trajetórias laborais para o futuro, as quais corriam o risco de serem esquecidas.

#### **5 REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanazi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p. 33-43.

AUED, Bernardete Wrublevski. Sobre a extinção das profissões: implicações teóricas. In: AUED, Bernardete Wrublevski. *Educação para o (des)emprego*. Rio de Janeiro: Vozes. 1999. p. 43-62.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4<sup>o</sup> ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. *Projeto História*, São Paulo, 1997. p. 13-33.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2009.

THOMPSON, Paulo. *A voz do passado: História Oral*. 2<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRINDADE, Gestine Cássia e NOSELLA, Paolo. Profissões em de desaparecimento: a identidade dos trabalhadores de ofício frente à ofensiva do capital. *Trabalho & Educação*, 4: p. 95-108, Minas Gerais. 2010.